

EXPERIÊNCIAS DAS TUTORIAS DO NAI PARA ALUNAS COM SÍNDROME DE DOWN

BEATRIZ HOBUS HARTWIG¹; RAYNE PLAMER KOHLER²;

ALINE NUNES DA CUNHA DE MEDEIROS³

¹Universidade Federal de Pelotas– beatrizhobushartwig@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – raynepk5@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – alinenm@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Este ensaio teórico tem como objetivo relatar as experiências vivenciadas por duas discentes do curso de pedagogia noturno na Universidade Federal de Pelotas que atuam como tutoras de duas estudantes com síndrome de down, uma estudante integra o curso de Música-Piano e a outra o curso de Dança. A rotina do trabalho das tutoras gira em esclarecer as dúvidas e diminuir as barreiras e dificuldades das estudantes. Estes relatos surgiram através de encontros de estudos, das tutorias, que são proporcionadas pelo Núcleo de Acessibilidade e Inclusão (NAI) da UFPel. Importante destacar que o programa existe desde 2017 e foi desenhado para garantir a permanência e o êxito dos estudantes com deficiência no ensino superior; atualmente o NAI conta com 40 tutores (as) de diversos cursos de graduação. Junto a esses relatos, relacionaremos as duas experiências, sobre aspectos vivenciados pelas estudantes que perpassam situações ligadas à condição de deficiência intelectual, informações acerca das dificuldades encontradas na realização das tutorias, reflexão sobre a inclusão dentro da universidade, assim como, a experiência obtida através das tutorias e os aprendizados que expandem os nossos conhecimentos como futuras professoras e pedagogas.

O referencial teórico adotado ancora-se na dissertação de Luciana Novais de Oliveira Brito, intitulada *Jovens com Síndrome de Down: desafios para a autonomia* e a tese de doutorado de Deuzimar Helena de Oliveira Botelho, denominada: *Desafios da inclusão no ensino superior: narrativas de uma universitária com síndrome de down*.

Entre as maiores dificuldades vivenciadas pelas duas discentes está a questão da autonomia e a busca incessante por materiais que estejam adaptados aos conteúdos trabalhados em aula. Somado a isso, discute-se também a forma infantilizada com que pessoas com deficiência são tratadas na sociedade e também na academia, como se esses sujeitos não fossem capazes de exercer uma vida plena, o que inclui a experiência de estar em aula em uma universidade como participantes ativos. Já em relação aos materiais, percebe-se um despreparo por parte de alguns (as) professores (as) em estruturar um planejamento na perspectiva do Desenho Universal de Aprendizagem, contemplando objetivos educacionais, métodos, materiais e abordagens mais flexíveis e personalizados, que estejam em consonância com as especificidades dos estudantes. Ao refletirmos sobre esse aspecto entende-se a importância da formação continuada dos docentes sobre temas que aprofundem questões voltadas à inclusão, tipos de deficiências, metodologias ativas, avaliação, estratégias de ensino e currículo.

A preocupação inicial nos primeiros contatos entre tutor/tutorando é de criar um vínculo com as discentes e fortalecer uma relação de confiança, reforçando a noção de que não estão sozinhas na trajetória acadêmica, e que o sentimento de insegurança manifestado pelas tutorandas é compreensivo. As conversas informais desenvolvidas nos encontros de tutoria evidenciam os receios e os medos sobre o mundo acadêmico, que inclui o acolhimento ou a exclusão da turma em relação ao sujeito com deficiência, conseqüentemente isso fará grande diferença em como experienciar o ambiente universitário, além do mais, isso está intimamente ligado a marcas anteriores de sucesso ou insucesso na relação de ensino-aprendizagem, e sobre posturas e falas que reforçam práticas capacitistas que representam um desserviço à emancipação do sujeito.

2. ATIVIDADES REALIZADAS

O primeiro desafio que se impõe é auxiliar em um conteúdo diferente do que está habituado (tutoras e tutorandas de diferentes cursos acadêmicos). Além disso, a falta de materiais acadêmicos adaptados ao nível de compreensão, textos complexos e pouco flexíveis, acabam tornando difícil para essas alunas acompanharem as aulas e participarem ativamente das discussões.

Contudo, observa-se que a inclusão ainda não chegou a sua completude, uma vez que os professores ainda não se sentem preparados, as estruturas não estão apropriadas, faltam materiais didáticos adaptados e os alunos não têm acesso a discussões em igualdade aos demais. (Botelho, 2019, p. 36)

Como tutoras, procuramos compreender quais são as dificuldades dos nossos alunos atendidos, utilizando formas diferentes de ensinar, buscando por recursos pedagógicos, elaborando resumos, entre outras atividades. Essa não é uma atividade fácil, visto que não existe uma “fórmula mágica”, cada aluno aprende de formas diferentes, e isso muitas vezes nos causa preocupação, pela ânsia em querer ajudar e a necessidade do aluno em ter alguém que forneça esse apoio dentro da Universidade.

Outra dificuldade percebida pelas tutoras é no favorecimento da autonomia destas alunas, pois muito acontece a infantilização das pessoas com deficiência, como discute uma das nossas autoras:

A infantilização das pessoas com deficiência se mostra coerente com uma organização social que, na maioria das vezes, não prevê papéis sociais ativos para essas pessoas, principalmente no mundo dos adultos. A pessoa com deficiência torna-se: uma pessoa que nunca poderá crescer, amadurecer, passar pelas experiências típicas de uma pessoa adulta, por exemplo, aquelas ligadas à sexualidade ou à autonomia pessoal. (Brito, 2022, p. 17)

Por vivenciar esse capacitismo diariamente, muitas vezes essas alunas sentem-se despreparadas e incapazes de realizar as atividades de acordo com os próprios conhecimentos obtidos, ansiando por respostas imediatas das tutoras, como se estas fossem mais capacitadas a resolver essas demandas.

O desenvolvimento da autonomia é um processo que possibilita ao indivíduo compreender e agir sobre si mesmo e sobre o ambiente,

importante para a formação da identidade pessoal e transição para a vida adulta. (Brito, 2022, p. 17)

Esse é um dos desafios mais importantes e imprescindíveis para o Núcleo de Acessibilidade e Inclusão, que é justamente promover a autonomia e a participação ativa desse aluno dentro da universidade, uma vez que a inclusão vai muito além de somente colocá-lo dentro da sala de aula, mas acompanhá-lo garantindo o seu pleno desenvolvimento.

Ao longo das tutorias, as aprendizagens tornam-se cada vez mais significativas, visto que percebemos pouco a pouco as dificuldades e habilidades desse aluno, buscando formas de intervenção cada vez mais adequadas. O vínculo desses encontros semanais nas tutorias também se torna algo muito importante para esse estudante, pois já ouvimos relatos de que estes não tinham amigos dentro da sala, que por vezes se sentem sozinhos ou excluídos, e sabemos que “há enorme dificuldade social em lidar com as diferenças, ou seja, tudo que foge aos padrões e que são identificadas como desviantes ou “anormais” (BOTELHO, 2019). Dessa forma, ter com quem contar durante a trajetória acadêmica tem uma grande relevância na própria auto-confiança dessas alunas.

Como futuras professoras e já atuantes no ensino, essa experiência nos prepara para os desafios que encontramos diariamente dentro da sala de aula, demonstrando a importância e a necessidade de pensar em cada aluno como único, independente das suas condições. Essa inquietação por buscar práticas que promovam a inclusão para os estudantes é o que garante novos professores empenhados e críticos.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o avanço das tutorias, na experiência com as alunas, somado às pesquisas e leituras, além das orientações pedagógicas através do NAI, passamos a compreender cada vez mais as estratégias que podem facilitar essas práticas, como produzir materiais mais acessíveis de acordo com as necessidades dessas estudantes, que inclui um conteúdo mais sucinto, com recurso de imagens, buscando formas de guiar as tutorias para que sejam mais produtivas, favorecendo a comunicação e auxiliando na compreensão das dúvidas e dificuldades, gerando momentos de estudos mais produtivos.

Apesar das dificuldades, essas experiências nos ensinam muito sobre paciência, empatia e a importância da adaptação no processo de ensino. Percebemos que aprendemos na medida que ensinamos e na troca com as tutorandas. Cada conquista é uma vitória compartilhada.

Concluindo, não podemos deixar de frisar a necessidade urgente de maior capacitação para os docentes, na medida em que possuem um papel fundamental na promoção da inclusão nas suas aulas, o que requer viabilizar suportes pedagógicos acessíveis. A participação e o interesse dos professores são fundamentais nesse processo, com dedicação e uma abordagem inclusiva, é possível encontrar caminhos para superar barreiras e garantir uma experiência acadêmica mais significativa e acessível para todos. Da mesma forma, se faz necessário uma maior destinação de recursos para a acessibilidade, possibilitando a utilização de materiais adaptados nas instituições de ensino superior. Para aqueles que anseiam por uma educação libertadora e inclusiva,

o caminho é árduo, mas significativo. Fazer parte da formação acadêmica dessas alunas marcará a nossa caminhada, seja pelos desafios, seja pelas vitórias diárias.

Outro ponto de extrema relevância do papel como tutoras é o conhecimento que essas experiências proporcionam, que envolve desenvolver um olhar mais atento e cuidadoso com a inclusão na formação enquanto profissional da área da educação que atuará com futuros alunos em aula, mantendo a afeição por práticas inovadoras e a constante curiosidade e busca por diferentes formas de ensinar que acolham a todos os alunos de acordo com as suas especificidades.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Brito, L. N. D. O. (2022). Jovens com síndrome de Down: desafios para a autonomia.

Botelho, D. H. D. O. (2019). Desafios da inclusão no ensino superior: narrativas de uma universitária com Síndrome de Down.